

JOAQUIM BATISTA DE SENA
Versado por: Teodoro Ferraz da Camarà

Historia de Cecilia Afra

Ou Trez Suspiros de Uma Esposa



Preço Cr.\$ 4,00

Editor Proprietario
JOAQUIM BATISTA DE SENA

Historia de
CECILIA AFRA
Trez Suspiros de
Uma Esposa



Nestê romancê se ver
o sol da graça luzis
a innocencia chegada
de entre as trevas saïr
romper-se o véo da infamea
e ùm novo clarão surgir

O mundo é um drâma tragico
o homem um ser pèseguido
a vida um barcò cansado
o tempo um rei prevenido
no tempo o tempo desanda
e dá o seu prometido

Houvè à uns séculos na Greciã
um marcineiro afamado
viúvo e de bõns còstümès
e por Antenor chàmado
pài de um casal de filhos
a quem se leva o tratado

Afonso e Cecilia Afra
ëis os filhos de Antenor
Cecilia para adorna-lã
esmerou-se o Criador
tinha a innocencia dà aye
e a cãstidade da flor

Dã-se que de Zanzibar
o Sultão tendo ciencia
desse grande marceneiro
escreveu-lhe com urgencia
prã fazer-lhe umã mobilia
mesmo em sua residencia

Ele recêbendo a carta
de tudo tomou coragem
participou logô ao filho
de Zamzibar a mensãgem
Afonso aceitou o plano
e combinãram a viagem

Antenor poi-se a pensar
quando e como partiria
pensando deixar o lar
sem nenhuma companhia
e Cecilia com quem ele
amparada a deixaria

Ao mesmo tempo lembrou-se
que perto morava um padre
de sua maior estima
na rua da Virgem Mãdrê
padrinho de sua filha
e seu legitimo compadre

Foi ao compadre e lhe disse
eu parto prã Zanzibar
meu compadre tome conta
de minha filha e meu lar
faça às despezas que eu
muito breve hei de voltar

Ali disse parã a filha
lhe entrego à seu padrinho
ele lhe vigiarã
farã tudo direitinho
evite o mal que puder
nã saia do bom caminho

Jã o nãvio no pôrtô
dãvã sinal de partidã
embarcou-se com ô filho
atraz do metal da vida
com oito diãr chegaram
e começãram na lida

Quando completoû um mez
ou já na casa de mais
esse padre certa noite
por arte do satanãz
foi declarar à Cecilia
seus amores sensuais

Cecilia repreendeu-o
lhe dizendo: Meu padrinho
o senhor como pastor
deve ensinar-me ô caminho
mas, nã jogar-me num crime
infame, triste e mesquinho

Meu pãe de entre os visinhôs
tirou somente o senhor
uma por ser meu padrinho
e outra por ser pastor
e o senhõr não respeitar
sua capa e seu vãlor

Não quero saber de nada
lhe disse o padre afinal
aproximou-se mais dela
com um furor dum chacal
Cecilia nesta aflição
cravou-lhe então um punhal

Estando o padre ferido
perdeu ali toda ação
voltou a casa arrancando
mil planos do coração
dizendo hás de pagar-me
nos atos de uma traição

Ali pégou dumà pena
e notou esta missiva
excelentissimo compadre
leia esta narrativa
veja bem que sua filha
caiu na vida lasciva

Dêsde que o senhor saiu
que depravou-se a menina
jà ensultou-me trez vezes
não respeitou-me a batina
tenho ocultado de todos
sua desprezada sina

Não tenho gosto na vida
tudo para mim vai mal
fui lhe dar alguns conselhos
ela cravou-me um punhal
em cimã do peito esquerdo
dã qual me acho mortal

Se conselhõ desse geiso
ela já estaria em paz
mas não lhe digo porquê
me acho em dorés mortais
o senhor já sabe tudo
e veja agora o que faz

Antenor Recebe a carta
ficou quase alucinado
estudou milhões de planos
e só um ficou firmado
mandando matar a filha
para assim ficar vingado

Chamõu o filho em delirio
e lhe autorisou assim:
va matar Cecilia Afonso
que não honra mais a mim
quem não presta é bom que morra
Deus ajuda a dar-se fim

Afonso como bom filho
tambem irado partiu
chegou às nove da noite
ninguem da cidade o viu
levava chaves no bolso
sem trabalho a porta abriu

Cecilia estava resãdo
pois nisto só se ocupava
quãdo lhe gritou Afonso
vais mörrer maldita escravã
tua culpa é sem perdão
teu mau fim já te esperavã

Desde que aqui ficaste
que o nosso valor maltratas
agora vais socegar
e a ninguem mais detras
Cecilia gritou em pranto
meu irmão porque me matas

Meu irmão eu não mereço
umã morte assim talvez
eu já sei que isto é um falso
que meu padrinho me fez
minha vida é oração
pedindo à Deus por vocês

Seu honesta como a flor
que da verde rama cai
só apenas uma coisa
sobre minh'alma recai
é punir a minha honra
e honrar meu velho pai

Afonsa não resistindo
tanta comoção em si
disse: Mana és inocente
tua face chora e ri
diz-me agora o que eu posso
minha irmã fazer de ti

Pois meu pae não dará crença
a minha declaração
dá muito valor ao padre
pois lhe é de estimação
prá eu dizer ao contrario
me bôta até na prisão

Rèspõde Cecilia; Afonso
temos esta cadelinha
vá me botar numa ilha
queró lá viver sosinha
tire a lingua da cadela
digá a papae que é minhá

Disse; Afõnso só assim
poderás mesmo escapar
as 12 horas da noite
trataram de viajar
foi deixa-la numa ilha
chamada Madagascar

A linguã da cadelinhã
tiraram pela metade
porem ela não morreu
foi grande a felicidade
Afonso disse: eu com está
dou prova como verdade

Ficou Cecilia, cõtada
na ilha como perdida
cõm a pobre cadelinhã
inda bastante ferida
ambas d'um tamanho só
nos possuidos da vida

Em prântõs e exclamações
ficou a pobre na ilha
dizendo: Jesus guiai-me
por uma bem viva tiilha
bem ves que por um tirano
meu pae matou yossa filha

Eu fui ùm ser vigoroso
è de meu pae tão qüerida
hoje nado em mar de trevas
por todo mundo esquecida
só tenho Deus por amparo
è por recurso a pobre vida

O nevoeirô da môrte
baixou sobre mim velôz
âinda ouvi dà desgraça
a sua tristonha voz
hoje as féras me afagam
dizendo: Mora côm nós

Fui abraçada do prantô
da dor, da pena e quesiliã
sentenciada a tirar
a minha vida em Virgília
em que estado ó meu Deus
se àcha hoje a Cecilia

O' Virgem mãe de Jesus
ouve aquí vossa filha
consola quem peregrina
sem luz, sêm rumo, sem trilhã
comendo frutas silvestres
quando encontra nesta ilha

Só vejo os raios do sol
nãs vagas do árvoredo
o ruge-ruge das feras
de mãhãzinha bem cedo
minha cama é este bosque
o meu cobertor o medo

Que sorte tenho, ó meu Deus
que tudo de mim se esconde
se como, não sei o que
se durmo, não vejo aonde
sè choro, ninguém me afaga
se chamo ninguém responde

Quê sorte dura esta minha
sem pai aqui desvalida
junto com esta cadela
que ainda vê-se ferida
ficando sem sua lingua
para salvar minha vida

Vamos viver, cadelinhã
a ilha nos cabe bem
o corpo nos cabe a vida
as selvas frutinhas tem
o sofrer ficou piã nós
a morte depois nos vem

Meu pranto me serve d'água
meu sofrimento de pão
meus olhos pedem socorrô
e chora meu coração
sou viva, porem não vivo
sou desta ilha a v.são

Vivendo a pobre Cecilia
nôs braços dô desespero
um diã encôntrou um ôco
no tronco do castanheiro
aonde dormia a noite
e carpia o diã inteiro

Ao cabò dum anò e tanto
o rei daquelê paiz
morreu ficando o imperio
ao mando da impêratriz
e de um filho sòlteirò
Elesbão Peres Luiz

Os principes daquele tempo
se divertiam em caçar
um dia Perez Luiz
para mais se deleitar
foi fazer uma caçada
na ilha Madagascar

Quando chegaram na ilha
os cachorros de repentê
traquejaram logò um bicho
que correu rapidâmente
para o referido ôco
disse o principe: Aquilo é gentê

Disse ô principe aos vassâlõs
vamos ver logo o que é
só se têm galhões de famã
havendo corâgem é fiê
quando se chegaram ao ôco
estavà Cecilia em pé

Que fazes aqui mocinha
o principe lhe perguntou
ela mui sobresaltada
só um suspiro exalou
estava nua que o principe
baixou à vista e chorou

Depois lhe deu ùma simcope
um sono leve pegou-a
ô principe pegou a capa
e depressinha embrulhou-a
com honra respeito e zelo
para palacio levou-a

Quando chegou à palaciò
foi instatanea surpresa
rainha damas e tudo
lhe admiraram a belezà
pois de verdade, das damàs
matou toda a boniteza

A rainha em pouco diás
pegou dela se agradar
muito educada e sabida
sabia bem respeitar
tinha tanta educação
de fazer admirar

Cecilia era em palacio
uma joia prasenteira
por ser casta, era da côrte
predileta companheira
e depois frã da rainha
sua fiel camareira

O reino estando sem rei
a rainha fez sinal
casar o filho com ela
pois indà era afinal
originaria de sangue
da familiã imperial

Cásou Cécilia com o príncipe
Elesbão Peres Luiz
de camponia foi rainha
de infeliz foi feliz
mas o tempo dá um coice
prá vêr o que a sorte diz

Já decõrriam trez anos
que estavam em união
quandò inesperadamente
uma inimiga nação
abriu guerra contra o reino
lá se foi D. Elesbão

Não conduziu sua esposa
por não poder viajar
estava grávida esperan do
no outro mez descansar
recomendou-a e partiu
na barca São Baltazar

Antès de sair lhe disse
minha mãe fica contigo
quando descãsares manda-me
por escritò algum artigo
para eu mandar buscár-te
passar uns tempos comigo

Nesta cõmitiva ia
o padre que conquistou-a
D. Elesbão não sabia
e nem nenhuma pessoa
dò ocorrido forjado
pelo varão da coroa

Cecilia por sua vez
tal coisa não revelou
o padre se recolheu
mesmo em casa se tratou
e a respeitò de Cecilia
ninguem mais não cogitou

Com 4 meses Cecilia
dum menino descansou
escreveu a Elesbão
Elesbão se preparou
e mandou então busca-lá
a um vassalo orderou

O vassalo já de posse
da ordem seguiu ligeiro
chegando deu a Cecilia
a recado alviçareiro
e logo no outro dia
tomaram rumo certeirò

Nas agaus do már Egeú
dois dias fora dò lar
ò vassalo resolveu
à sua honra manchar
Cecilia o renunciandó
ele jogou-a no mar

Ficando com a criança
diziá; Com esta eu faço
um trama tão bem urdido
que fujo do embaraço
ali pegou dum punhal
e apunhalou-se num braço

Chegando disse: Monarca
sua mulher eu dei fim
que com dois dias à bordo
ela dirigiu-se a mim
com materias de amor
porem eu neguei-lhe o sim

Ela como viu que eu
não a quiz simpatizar
arrôjou-se contra mim
e me pôde apunhalar
eu agarrei-me com ala
e rebolei-a no mar

Este é o seu filhinho
que o salvei afinal
nisto no braço mostrou
a ferida do punhal
e disse alto senhor
me perdoi se obrei mal

Elesbão indignado
lhe disse fizeste bem
porque quem mata umá féra
cem anos de perdão tem
não é crime nestes casos
contrá ti não vem ninguem

Vamos tratar de Cecilia
como nas aguas ficou
valeu-se então de nadar
um peixe a acompanhado
era uma grande Toninha
que dala se aproximou

Peixes ferozês a ela
já não podiam chegar
porque a Toninha era
sua defesa no mar
e assim foi dando nas aguas
até um descânço achar

Assim com quase um quilometro
ela avistou um escolho
cheio d'aguas marinhas
coberto todo de abrolhó
Cecilia rumou a ele
sem o tirar mais de olho

Já muito cançada e fraca
Cecilia chegou ao canto
sentou-se sobre os abrolhos
e começou no seu pranto
dizendo: Agora meu Deus
Vou padecer outro tanto

Na ilha aonde estive
minha cadela inda tinha
hojê estotú peor que lá
pois aqui soffro sosinha
sem ver terra e dentro d'agua
oh! meu Deus que vido a minha

O Deus se me perguntares
se eu ainda esperanço
com vida ver meu marido
e ter na vida descânço
se responderei meu Deus
que já morri nada alcanço

Ainda mais te respondo
que minha fé a perdi
d'um sopro tórnei-me em nada
eu para mim já vivi
passei as mãos do despresô
de pouco a pouco morri

Sôu lira desafinada
sou ârpa que não arpejá
sou vida que não descansa
sou astrô que não lampeja
sou barco que só conduz
as armâs vis da peleja

Se vivo, é quase sem vida
se já gosei desconheço
se rio, é banhada em pranto
se já salvei-me padeço
se já alguém sofreu tanto
oh! meu Jesus não chego

Se olhô em roda de mim
só vejo do mar ô manto
chega-me a fé de salvar-mê
faço termo e me levanto
vejo que nada consigo
me sento no mesmo canto

Por muito esforço què faça
no fim se reduz em nada
porque se botar-me as aguas
sou pelos peixes tragada
e assim vou nestes abrolhos
morrer como estou sentada

Uns nascem parâ a ventûra
eu nasci para penar
uns nascem para sorrir
eu nasci para chorâr
e outros prá viver muito
e eu morrer dentro do mar

Agorâ já conheci
que morro dè sêde e fome
aguâ do mar não se bêbe
lôdo tambem não se comê
só me falta agora, a Deus
implorar seu santo nome

Meu Deus já estôu liquidada
nada me resta senhor
aqui nas ondas do mar
ouvi mêu triste clamor
perdão para as minhas culpas
dâi-me o perdão Salvador

Perdoai tambem as cûlpas
de meu pae, de meu irmão
do pâstor e do vassalo
que me fizeram a traição
Senhor, perdoái-os todos
que de mim tem o perdão

Perdão para o meu mãridô
què supõe que eu não existo
dáí sôcego a minha têrra
meu amado Jesus Cristo
valei-me ô Virgem Santis...
não findou, ficou só nisto

Pela fôme esmagadoura
ela caiu nos abrolhos
já quase morta assim mesmo
fez termo e abriu os olhos
daquelas folhas amargás
ãinda còmeu ùns molhos

Já estava entregue a tudò
quando ali observou
um vulto vagar nas aguas
màs o não deferençou
quando deu fé a seus pés
um bote velho parou

De rēpente òlhôu ao mundo
prá ver se enxerga tèrra
a cinza densa da tarde
faziã-lhe a vista perra
com quase uma hora viu
a sombra de uma serra

Graçàs a Deus! disse ela
vou sair deste âtrópelo
áli embarcou no bote
e partiu sem mais apelo
põrem ao fechar da noite
o bote enrascou no gelo

Já não é facil dizer-se
os tristes ais desta escrãva
tão cheia de esperança
o seu torrão procurava
quando deu fé coitadinha
ficou peor do qu'estava

A noitè fechou de tōdo
o gēlo forte crêscia
Cecilia tangia ò remo
o bote nēm se movia
depois o remo quēbroù-se
lhe renovou à agônia

Com um pedaço de remo
Cecilia pode ficar
com ele tângia as ágúas
tornou êmfim se quebrar
ficou fazendo das mãos
rēmos para sè salvar

O que pôdia fâzer
umã indigente cansadã
nò meio dum mar de gelo
hirta chorosa e molhada
com fome, com frio ã sede
nada justamente, nada

Desgovernou-se nas ágúas
forças mãis não possuia
agua só tinha salgáda
còmer tambem não havia
de azul via o espaço
de verde só aguas via

Passou finalmente a noite
naquela congelção
deitada dentro do bote
olhandò para à amplidão
baixinhò fazendo rogos
nascidos do coração

Nâsci num berço de dôres
criei-me entre os pesares
a dor, a tristeza o pranto
são meus estremosos lares
meu fadô foi um carrasco
que sepultou-me nos mares

O' mar tenebroso é forte
que afogaste o grande Egeu
por supor ter sido morto
na luta o filho Teseu
não queira também matar
uma infeliz como eu

Já frânco fâz trintã horas
que me vejô aqui batendo
tratando de me livrar
deste aguaceiro tremendô
mas nada, nada consigo
e sempre findo môrrêndo

Que sorte tenhô, ó mêu Deûs
que tudo de mim se esconde
se como, não sei o que
se durmô, não vejo zonde
se choro ninguem me afaga
sê chamo ninguem responde

O' mar se algum dia, àinda
passar aqui povo meu
reveles uma desditã
que assim jamâis sê deu
dizer que dentro de tã
Ceciliã Afra morreu

Na vida o què mais me doi
é não ver mais meu filhinho
sofrer das lâztimas do mundô
inda tão pequeneninho
teve a dita que eu tive
tâmbem levou descaminhô

Nasceu num berço tão rico
e tão veloz se acabou
efêmera foi sua vida
depressã veio e voltou
eu também sou mesmo assim
sou eû mais não sei se sou

Já não convem meus lamentos
pois aqui ninguem mais pâssa
que me socorra e què chore
a minha triste desgraça
não acho um filho de Deûs
que o beneficio me faça

Nisto umã âguia que passavã
pozoû ali meia zôte
trazendo nãs suas garras
os restos d'um cachalote
vendo Cecilia Espantoû-se
deixando o peixe no bote

Destroçada já dá fome
sempre no bôte se ergueu
sem sal sem fogô e sem nadã
rasgou o peixe e comeu
depois atacou-lhe a sede
fez do gelo, agûa e bebeu

Tomando alento que fosse
botou as mãos a remar
coitada nada fazia
era em vão seu pelèjar
e assim passou quatro dias
sogeita ao rigor do mar

Nos cinco dias pegou
aparecer bons sinais
o gelò foi se extinguindo
o mar recobrou a paz
o bote pegou jogar-se
Cecila alegrou-se mais

O vendaval talentoso
pegou soprar violento
Cecilia baixou nas aguas
os braços com mais alento
e assim foi levando o bote
por seus esforços e o vento

E assim com muita luta
em uma praia encostou
um pescador que pescava
com ela então encontrou
inquiriu saber-lhe o caso
ela tudo emfim contou

Vendo o pescador que ela
descendia da nobreza
levou-a prá sua casa
compungido de tisteza
ofereceu-lhe seus préstimos
conforme a sua pobreza

Cecilia lhê disse: Eu quero
ser pelo senhor valida
vou usar roupas de homem
e viver assim vestida
e meu nome será Jorge
para não ser conhecida

Afinal mudou de trajés
ficou um rapaz vistoso
eventou contar histórias
que se chamã de trãncosò
naquelas noites folgadas
de luar delicioso

Por Jorge naquela práia
Cecilia se conhecia
nunca contou sua vida
e nem d'onde procedia
só ali o pescador
era o único que sabia

Elã do destroço, àpenas
o dinheiro aproveitou
comprou roupas de nãinhã
ocultamente as guardou
preveniu-se para o tempo
e descançada ficou

Voltemos ao Marcineiro
o pai de Jorge ou Cecilia
còm dez mezes terminou
a construção da mobilia
e não voltou mais a Grécia
por lá não ter mais familia

Partiu em rumo da Síria
täl foi a occasião
que foi parar na batalha
qu'estava D. Elesbão
entraram em conhecimẽto
e abriram conversação

Com pouco chegou o pãdre
que a Cecilia traiu
aumentou mais as pessõas
a conversa progrediu
todo o tópicó da conversa
sobre Cecilia caiu

D. Elesbão inocente
de todo o caso passadõ
nada disse e retirou-se
ficandõ o padre atacado
com o compadre e dizendo-lhe
o que achava de agrado

Na outrã semana à guerra
terminou sem impecilho
D. Elesbão retirou-se
tendo da vitória o brilho
aonde voltou com ele
e marceineiro e o filho

com algũs diãs de rota
o barco então enrascou
no gelo, aonde Cecilia
os cinco dias passou
mãs graças a outro barco
que a tripulação salvou

Vieram aportar nã prãia
aonde Cecilia estava
ela conhecendo a todos
mãs ali se desfarsava
dizia: prá tudo hã tempo
com tempo, tudo se cava

Tomou a tripulação
à casa d'um mercador
muito visinho e amigo
do humiide pescador
aonde estava Cecilia
o tendo como tutor

Os reis são os mais ingenuos
neste sentido que falo
por anedotas e contos
tem bastante régalo
sabendo deste rapaz
depressa mandou chama-lo

Acode Jorgẽ o chamãdo
chegando disse: Senhor
minhas historias são simples
e de baixissimo valõr
já não me convem conta-las
para um alto imperador

O rei olhou o rapaz
e disse dentro de sí
eu não me lembrõ onde foi
que estẽ moço eu já vi
só me parece ser gente
dos mundos onde eu nasci

D. Elêsbão disse: Vamos
Jorge disse: Em qualquêr cõusa
eu vou contar uma història
que tragô escrita nã louza
dita historiã se intitula
Trez Suspiros D'uma E:posa

Haviã num certo reinò
um mörcineiro afamado
viüvò pae d'uma filha
e de um filho formado
honradõ e de bons costumes
nò lugãr conceituadò

Da-se què a outro reino
foi chamado o marcineiro
prã fazer uma mobília
de um sultão estrangeiro
o marcineirò ciente
foi ganhar esse dinheiro

O filho levou cõsigo
nò barco Sampaio Adre
a filha ficou em casa
sob o poder de um padrõ
que era padrinho dela
è seu legitimo compadre

Este padre certã noite
foi se ter com a afilhada
em materias de amor
ela deu-lhe uma furadã
o padre parã vingar-se
levãtõdõlhe uma cilada

Escreveu logò ao compadre
lhe dizendo que a filha
estava contra o dever
em uma maldita trilha
è que queria por tudo
bota-lo numa armadilha

Recebendo o velho a carta
leu e releu a mersiva
mandou ò filho mata-la
ele foi sem vóz ativa
mas vendo ser inocente
a irmã, deixo-a viva

Apenas foi desterra-la
numa ilha grande e bela
depois um principe caçando
achou a dita donzela
levou-a para palacio
e depois casou com ela

Nisto brada o marcineirò
faça ponto meu amigo
que historia è esta sua
que só dá certo comigo
pois Cecilia è minha filha
foi quem viu-se em tal perigò

Disse o padre: Quãt compadre
não queira perder o tino
esta historia eu a conheço
desde eu muito pequenino
siga Jorge a sua historia
seu trabalho è belo e fino

Belo e fino não sênhor!
disse: El-rei se demôdandô
eu êstou nesta enrolada
quê daqui eu estou notandô
moço vamos, conte o resto
qu eu já estou mê vexando

Nestâ conversa o vassalô
quiz arribar do salão
se fingindo estar com sono
sêm encôntrar posiçãõ
D. Elêsbão disse: Tenha
mâs alguma educação

Jorge prôsseguiu de nôvo
com úns dois anos se aferra
uma questãõ contra o reino
qüerendo tômar-lhe a terrã
nãõ havendo ôtro recûrso
lá se foi o principe a guerra

Depôis do principe na guêrrã
a mulher mandou buscar
por um vassálo infiel
que à tentou conquistar
mâs divido elã ser forte
ele jogou-a no mar.

Sofreû muito sobre as agûas
mas foi Deus seu prôtetor
cinco dias sobre o mar
ela viu o sol se por
e ultimamente foi salvã
pelas mãos d'ûm pescãdor

Pronto Sua Mãgestãdê:
esta é a minha historia
queira o senhor desculpar
se nãõ foi satisfatoria
pois esta é a mais bonita
que eu conduzo em memoria

D. Elesbão quê já estava
sem encontrãr mais abrigo
disse: Moço a tua historia
só tendo sido comigo
te senta perto de mim
qüero cõversar contigo

Nistô bradá o marceineiro
vamos têr grande destrôço
sua Alteza diz que está
na historia deste moço
eu digo tambem que estou
e o mexido vai ser grosso

Êlevanta-se El-Rei e diz
a coisa está declarada
eu casei com uma moça
que achei numa caçada
depois por este vassalo
nos mares foi devorada

Se tem padre na historia
disto eu não conheço bem
nisto o padre abriu a boca
disse o marceineiro: Tem
e é este que está cõnoscô
ôuvindo a historia tambem

Aperto de horas críticas
se achavam os dois desgoados
ficaram bestas e sonsos
como dois alienados
sem fitarem prá ninguém
nas itonações dos hãdos

D. Elesbão disse: Padre
dê a sua opinião
responde ele: dou já
isto é superstição
quem crer em Deus não apoia
mentira, asneira ilusão

Muito bem! disse o vassalo
istô assim tem qualidade
do que se crer numa história
sem originalidade
e mais, se julgar, que èla
seja o cumulo da verdade

D. Elesbão disse: Moço
me digá se estes horrores
foram passados com alguern
ou sê são réos negadores
diz Jorge: foram passados
comigo e com os senhores

Já não é fácil dizêr-se
a posição que ficaram
D. Elesbão retraiu-sê
os outros tòdos pasmarâm
è o pastôr com o vassalo
a boca mais não fecharâm

Nisto Jorge fez seida
màs dizêndò que já vinha
chegando em casa tomou
as roupás reais que tinha
que quando se apresentou
em vez dele, uma rainha

Tudo alúiu-se dos cantos
otê a propria mobilia
vendo Cecilia dizer
eu sou a martir Cecilia
que por capricho da sorte
me separei da família

Conheçò todos aqui
este aqui é meu marido
este outro é meu irmão
e este é meu pae querido
esta cri:ança é meu filho
a quem tenho amor subidò

Este aqui é meu padrinhò
que construiu-me a traição
este outrò é o vassalo
que obrou a mesma ação
nisto o-monstro deú um grito
e caiu morto no chã

O padré vendo o vassalò
morrer instataneamente
deu um tombo, caiu durò
sem sentido inteiramente
com duas horas òu mais
foi que voltou novamentê

D. Elesbão lógõ ali
quiz degolar o pastôr
porem Cecilia pediu-lhe
que não fosse vingador
deixassè què Jesus Cristò
erá o melhor julgador

Rolavà Pràzèr nas faces
de pãe, irmão e marido
se desvendòu o segredo
ò ódio foi corrompido
pòis o pòblemá da sorte
só Deus ò traz resòlvidò

Continuaram a viagem
pois tinha ò gelo baixãdõ
o pádre depois morreu
todo penitenciado
o vassalo foi no barco
nõ reino foi sepultado

Ceciliã ao pescãdor
deu avultadòs valores
dinheiro, joias e roupas
em lembrança dos favõres
que em vez de pescador
fõi sênhor dos pescadores

Cécilia venceu da sorte
ã dura e negra sentença
fõi premiadas nas lutas
com o dom da recompença
morreu de velha na corte
e jamais sofreu ofença

1950
Folhetaria São Joaquim



**Venda de folhetos em
grosso e a retalho
Grandes Descontos Aos
Revendedores**

JOAQUIM B. DE SENA

O autor reserva os direitos de propriedade
A venda na casa de José Francisco Alves

Rua Cel. José Alves Trigueiro, 230

Guarabira

—
Paraíba

Imp. na Folhetaria Luzeiro do Norte — Recife - Pernambuco